

Troca de Saberes, Férias e Atividades de Extensão Universitária: A Ressignificação do Semiárido Brasileiro a Partir de Intercâmbios Contextualizados

Autoria: Ives Romero Tavares do Nascimento, Estêvão Lima Arrais, Bruna Karina Ferreira de Lima Melo, Carlos Alberto da Silva, Raylene Araújo Loiola

Agradecimentos à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Cariri pelo apoio financeiro à ação de extensão que deu suporte para a elaboração deste trabalho.

Resumo

Este artigo tecnológico tem como objetivo principal indicar percursos metodológicos para a realização de Intercâmbios de Extensão Universitária para períodos de férias e recessos escolares, propostos a partir de uma experiência da Universidade Federal do Cariri (UFCA), localizada no sul do Ceará. Para tal, aponta a importância da educação contextualizada quando se aborda, especialmente, o Semiárido brasileiro e todas as suas diferentes perspectivas. Indica também o passo-a-passo da montagem de um intercâmbio dessa natureza, apontando possibilidades de intervenção, discussão e divertimento dos intercambistas, notável a necessidade de se pensar atividades extensionistas para momentos não letivos. Ao final, enumeram-se possíveis contribuições acadêmicas e técnicas deste trabalho, a fim de torna-lo replicável em outros contextos educacionais.

Palavras-chave: Intercâmbio de Extensão; Semiárido brasileiro; Educação contextualizada.

1. A proposta: um novo olhar da ação universitária sobre o Semiárido brasileiro

A graduação e a pós-graduação no Brasil vêm adquirindo, em muitas universidades, novas e vanguardistas ferramentas de ensino e aprendizagem que estão tornando a educação superior mais atenta às necessidades de formação dos seus alunos. Essa novel perspectiva de muitas instituições, sejam públicas ou privadas, vai além das atividades restritas às salas de aula e considera elementos do ambiente externo para fomentar ações de ensino, pesquisa, extensão e cultura.

Essas iniciativas começam a ter destaque especialmente no Semiárido brasileiro, região historicamente estigmatizada como estéril e flagelada, em um seio de transição paradigmática que parte do “combate” para a “convivência” com a seca (CONTI & PONTEL, 2013), numa vertente de políticas públicas centradas nas necessidades locais e atinentes às especificidades territoriais, traduzindo-se numa “racionalidade sertaneja” que valoriza, por exemplo, os saberes e técnicas locais. Evidencia-se, então, a educação contextualizada como uma possibilidade de atribuir ao Sertão nordestino um novo sentido, sendo um “Ser-Tão” passível de inúmeras alternativas e adjetivos (BAPTISTA & CAMPOS, 2013; PEREIRA, 2013).

A ressignificação do Semiárido pode ser enxergada, por exemplo, através da política de expansão das universidades públicas brasileiras, notadamente as federais, que vem abrindo novas vagas do ensino superior no interior do Brasil, ampliando o acesso da população à graduação e pós-graduação em espaços antes não atendidos pela educação universitária. Nesse sentido, destacamos a criação da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA (2009), da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB (2013), e da Universidade Federal do Cariri – UFCA (2013), resultantes dos desmembramentos de outras Instituições de Ensino Superior (IES) presentes nos Estados do Pará, Bahia e Ceará, respectivamente.

Sobre a UFCA, a movimentação social e política que antecedeu a criação da universidade já se articulava há pelo menos quinze anos na Região do Cariri cearense, território formado por vinte e oito municípios do sul do Ceará, organizados sob uma identidade cultural bem definida e ansiosa pela existência de uma organização federal ligada ao ensino superior para a

região. Dessa feita, no ano de 2013 o Campus Cariri da Universidade Federal do Ceará é desarticulado de sua instituição-mãe e passa a integrar, em conjunto com os *campi* de Crato, Barbalha, Brejo Santo e Icó, a Universidade Federal do Cariri (Lei nº 12.826/13).

É importante salientar que a UFCA foi constituída a partir de Grupos de Trabalho (GTs) voltados à discussão da futura estruturação organizacional, pensada para ser integrada à localidade onde a universidade está presente. Dessa forma, aproveitou-se o que Chacon *et al* (2012) apontaram como “condição de estrutura diferenciada” da UFC Campus Cariri, que viabilizava o fluxo laborativo de servidores técnicos e docentes com os alunos, ampliando o escopo de atividades interdisciplinares ali desenvolvidas.

Assim, o “embrião” da UFCA caracterizou-se por ser uma construção coletiva dos órgãos universitários, que foram concebidos também a partir de um diagnóstico das necessidades e potencialidades do Cariri cearense, a exemplo da Pró-Reitoria de Cultura (Procult), uma das poucas no país voltadas exclusivamente às ações culturais da universidade. Vale dizer que a cultura é institucionalmente considerada o quarto pilar da UFCA, juntamente com o ensino, a pesquisa e a extensão.

Cumprir dizer que, oficialmente, a universidade se propõe a contribuir com o desenvolvimento regional e com a inclusão social (UFCA, 2013), construídos a partir do empoderamento das pessoas que participaram de sua constituição, dando à instituição um caráter social muito arraigado em sua essência. Com isso, as ações de extensão universitária, que têm por excelência a aproximação das IES com a sociedade, se tornaram bastante presentes no cotidiano da comunidade acadêmica local.

Assim, passaram a ser presentes ações de extensão universitária voltadas a trabalhar a articulação de temas como desenvolvimento territorial, políticas públicas e patrimônio histórico, cultural e socioambiental, por exemplo, visto a existência de consideráveis elementos materiais e imateriais que necessitam ser preservados para a manutenção da memória e da cultura sertaneja. E pensar que todas essas temáticas juntas compreendem a dimensão sociocultural do desenvolvimento sustentável, ter a universidade como canal de realização dessas ações é enxergar o Semiárido como espaço ideal de formação acadêmica.

Assim, este trabalho tem como objetivo apontar possibilidades de intervenção a partir das lições de um projeto de intercâmbio integrante de uma ação de extensão realizada por um campus de uma universidade federal localizada no sertão nordestino. Para tal, aponta a importância da fase do diagnóstico, os percursos teórico-práticos a serem minimamente seguidos, as contribuições locais e territoriais de iniciativas desta natureza e as principais referências aqui utilizadas.

2. A fase do diagnóstico: como repensar o Semiárido a partir de ações de extensão universitária em cidades históricas?

No ambiente aqui tratado, lançar novos olhares para o Semiárido brasileiro pode ser uma tarefa aparentemente muito ampla e coberta de inúmeras possibilidades, mas factível quando pensada a partir de ações de extensão universitária, pilar constitucional das instituições de ensino superior do Brasil, que tem como proposta central o incremento da formação do aluno com a utilização de práticas realizadas fora do ambiente acadêmico, mais próximo da sociedade, indissociado do ensino e da pesquisa, configurado como um processo de via de mão-dupla em que a universidade e a sociedade ensinam e aprendem concomitantemente.

E o tema da preservação do patrimônio histórico, cultural e socioambiental sertanejo, por exemplo, tem sido alargado quando se remete às dimensões ambiental, social, econômica, cultural e político-institucional do desenvolvimento sustentável (CHACON, 2007), visto que intenciona manter vivas as tradições e o conjunto arquitetônico local, dentre outros.

Cidades como Piranhas/AL, Icó/CE e Parnaíba/PI, que possuem um complexo patrimonial histórico edificado datado do século XVIII, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e que contam com campi universitários públicos e privados, se mostram como espaços oportunos para a realização de projetos de extensão universitária concernentes às discussões patrimoniais.

A cidade de Icó, no Ceará, por exemplo, desponta como um espaço promissor para intercâmbios contextualizados. Seu centro histórico, datado do século XVIII, é tombado desde o ano de 1998 como Patrimônio Histórico Nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e encontra-se concentrado nas principais ruas do município, o que favorece ações próximas umas das outras. Dentre os bens tombados estão o Teatro da Ribeira dos Icó; o Sobrado do Canela Preta; o Sobrado do Barão do Crato; a Casa de Câmara e Cadeia e o Largo do Theberge.

Este último, de grande destaque estadual, é onde se encontra grande parte dos bens edificados tombados pelo IPHAN, sendo uma homenagem ao francês Pedro Theberge, médico que viveu na cidade durante o início da segunda metade do século XIX, responsável pela vivificação da cultura icoense, exaltada até os dias atuais pela construção do Teatro da Ribeira dos Icó, que contrasta sua *art nouveau* com as demais edificações barrocas e coloniais de todo o Largo.

Outra menção a ser feita é para a Avenida Ilídio Sampaio, mais conhecida como Rua Grande, onde se concentra boa parte dos casarões e sobrados da cidade, pelo fato de ter sido o local onde residiam os grandes proprietários de terras e escravos, os quais, detentores de consideráveis fortunas, edificaram suas propriedades por meio da influência de portugueses e franceses, mas notadamente sertanejas (Figura 01).



Figura 01: Imagens do conjunto arquitetônico histórico de Icó, Ceará. À esquerda uma perspectiva do Largo do Theberge, e à direita os casarões e sobrados da Rua Grande.

Fonte: Jucieldo Alexandre, 2014.

Todavia, para que seja possível atuar em cidades históricas como Icó, é indicado o seguimento do percurso teórico e metodológico apontado no item a seguir.

3. Materializando a proposta: o intercâmbio universitário contextualizado em períodos de férias escolares

Para além de ações tradicionais de extensão universitária, apresentamos uma proposta (já testada) de realização de intercâmbio universitário contextualizado. Em outras palavras, uma alternativa de se fazer a extensão é promover a interação de alunos de graduação e pós-

graduação em cidades históricas a partir do debate e de ações concretas de intervenção local com escala regional, feitas com base na educação contextualizada, sobretudo para momentos de recesso escolar.

O proponente da ação deve, acima de tudo, compreender a necessidade de tal iniciativa e refletir como ela poderá contribuir para a redescoberta do Semiárido tendo uma instituição de ensino superior como ponto de partida. O mote desses momentos é fazer com que alunos de graduação e pós-graduação possam ter contato com experiências de preservação do patrimônio (de diversas naturezas) preferencialmente em cidades que nunca tenham visitado ou que tenham pouco conhecimento, no intuito primeiro de causar estranhamento e, conseqüentemente, apurado interesse na localidade.

De uma maneira prática, esses intercâmbios devem seguir um roteiro básico, assim detalhado:

Passo 01: A definição teórica e conceitual do intercâmbio – o que trabalhar com os alunos?

Em primeiro lugar, o proponente deve identificar quais os temas principais a serem discutidos com os alunos durante a realização das visitas estudantis. Esse passo inicial dá forma à ação, aplicando-lhe a essência que o idealizador deseja imprimir na iniciativa.

Devido ao caráter interdisciplinar da proposta aqui mencionada, recomenda-se que, para trabalhar com a temática da “convivência com o Semiárido”, por exemplo, os assuntos mais relevantes são: desenvolvimento sustentável (sustentabilidade); políticas públicas; Semiárido; e ainda sendo incluído o patrimônio como a quarta dimensão, tendo em vista a maleabilidade conceitual do termo e sua aplicabilidade no tocante à *res sertaneja*, por assim dizer.

Em seguida, a busca pelas referências bibliográficas pode ser o reflexo da escolha teórica do autor do intercâmbio, e vice-versa. Isso significa que o proponente poderá utilizar-se de determinada corrente teórica no trato das questões discutidas, ou moldar o intercâmbio a partir delas. Tudo dependerá da intenção de cada autor da ação de extensão e por quais debates deseja aprofundar durante sua execução.

Cumpra informar que o idealizador do intercâmbio deve elencar os textos-base a partir da experiência de seus intercambistas, pois é esperado que muitos alunos possam não ter tido contato anterior com as temáticas abordadas pela experiência extensionista, fazendo necessário um momento inicial de alinhamento do grupo.

Dito isso, passa-se à definição da duração da visita. A experiência-base aqui utilizada apontou o prazo de duas semanas como o ideal para a concretude da proposta, visto que se criam condições favoráveis para uma miscelânea de atividades: visitas, jogos, diálogos, seminários etc, inviáveis quando programados em um curto prazo e cansativos quando em períodos prolongados (há de se considerar que nossa proposta vale para o período de férias).

Passo 02: A delimitação do espaço a ser visitado – de que forma ele aguçar os debates?

Conhecer a dinâmica social local é fundamental para a identificação das potencialidades de debate. Por isso, neste artigo tecnológico, a proposta de trabalhar com as temáticas de desenvolvimento, políticas públicas, Semiárido e patrimônio histórico, cultural e socioambiental possui diferentes possibilidades de interação com cidades, distritos e quaisquer outras localidades onde exista interação humana, posta a aderência de cada uma delas com as dimensões da vida em sociedade.

Assim, cada assunto pode ser trabalhado pelo viés teórico-prático da seguinte maneira: um momento conceitual pela manhã realizado numa sala de aula (por exemplo) e outro prático em um ambiente diverso do acadêmico, que pode ser um sobrado, um casarão, uma igreja ou um largo, bastando que esse cenário consiga exprimir um significado à questão ali abordada.

Passo 03: Mesclar o concreto ao conceito – como sensibilizar os participantes?

Faz parte da sociabilidade humana o ato de conversar. E para além da convivência (im)posta na sala de aula, um bom intercâmbio promovido por encontros dialógicos podem ser um boa opção metodológica para recessos escolares.

O momento de conversa sobre desenvolvimento sustentável, por exemplo, pode acontecer em um largo bem frequentado pelos habitantes locais, em que o professor juntamente com os alunos observa e discute as relações sociais que ali se desenrolam e como elas podem atribuir valor ao estágio de desenvolvimento da cidade.

Outro exemplo é o debate sobre políticas públicas de convivência com a seca em um perímetro irrigado ou à beira de um reservatório hídrico construído para esse fim. Debater sobre patrimônio material pode ser uma atividade ocorrida no interior de um casarão histórico ou de um antigo sobrado protegido por tombamento federal, por exemplo.

O importante é que os alunos se sintam sensibilizados pela visão do que os rodeia naquele espaço de forma a imaginarem como todas as perspectivas discutidas podem ser relacionadas com o espaço em questão. O Teatro da Ribeira dos Icós (Figura 02), como muitos outros exemplos do país, pode ser um local propício para a realização de tal indicação.



Figura 02: O Teatro da Ribeira dos Icós.

Fonte: Estêvão Arrais, 2015.

Paralelamente indica-se a leitura do Plano de Trabalho (Anexo 01) criado pelo Instituto de Estudos do Semiárido da Universidade Federal do Cariri para a ação de intercâmbio aqui neste texto detalhada, de modo a implicar novas modalidades.

Passo 04: Considerar o tempo de férias e troca de saberes – é possível se divertir durante o intercâmbio?

Quando se pensa em atividades a serem concretizadas durante o período das férias, necessariamente deve se considerar que os alunos esperam ações muito mais práticas do que teóricas, posto a natureza do período. Dessa maneira, apontamos aqui três indicativos de

metodologias voltadas a ambientes externos que propiciam diversão e instigam a conversa entre seus participantes.

A primeira delas é a visita a lugares de veraneio e lazer, como praças, sítios, conjuntos históricos e arquitetônicos, templos, reservatórios de água (naturais e artificiais), monumentos, assim como clubes recreativos, desde que tenham ambientes receptivos e agradáveis para o grupo conversar. No município de Orós/CE, o Açude Juscelino Kubitschek, mais conhecido como Açude de Orós (Figura 03), se mostrou como um local fértil para a realização de debate sobre a utilização racional da água em tempos de seca, políticas públicas de convivência com o Semiárido e modelos *top-down* de políticas públicas.



Figura 02: O Açude Juscelino Kubitschek, em Orós/CE.

Fonte: Ives Tavares, 2015.

Outra sugestão é a utilização de jogos, criados conjuntamente pelos participantes do intercâmbio. Um jogo de cartas ou um tabuleiro que envolvam perguntas e respostas podem dinamizar as discussões realizadas.

Uma dica parte do baralho do Tarô Cigano. O proponente da ação estabelece uma temática, que pode ser políticas públicas. Em seguida, estabelece com os alunos quatro conjunto de perguntas e respostas, que depois deverão ser transcritas para os versos e aversos de cartas – de papel ou papelão – previamente preparadas (elas poderão ser compradas ou confeccionadas). À medida que as mesmas forem sendo retiradas do baralho, cada jogador deverá responder o questionamento sorteado. A intenção é que o divertimento contribua para o bom entendimento dos conteúdos ali abordados, de forma leve e descontraída. Vale dizer que as regras poderão ser livremente estabelecidas entre os participantes do jogo.

A terceira sugestão é a realização de seminários com lideranças e grupos locais que atuem fortemente na preservação da história e memória local, assim como agem na defesa do meio ambiente e da cultura regional. Essa ação oportuniza a criação de vínculos (ainda que momentâneos) entre os atores locais e os alunos intercambistas, fomentando,

consequentemente, conversas mais acuradas sobre a realidade local. Cabe, entretanto, ao professor/coordenador da ação o intermédio dos discursos no intuito de manter o traço teórico da atividade.

Passo 05: A avaliação das atividades realizadas.

Seguindo a dinâmica livre das atividades até aqui propostas, a avaliação do intercâmbio pode ser traçada longe dos métodos tradicionais. Como recomendação, anota-se o uso de diálogos diários sobre o andamento das atividades, bem como o encerramento do intercâmbio também com base na explicitação dos sentimentos de cada participante naquele momento. Salienta-se que não são previstas provas ou quaisquer outras formas avaliativas tradicionais, posto que poderão comprometer o caráter “desprendido” da iniciativa.

4. Possíveis contribuições da proposta

Cidades históricas podem ser consideradas exímios campos de ação universitária pelo fato de possuírem uma complexidade de elementos utilizáveis para a materialização da teoria utilizada em sala de aula para a formação discente. No caso do Semiárido brasileiro, elas se mostram como potencialidades para o debate de temáticas e concretude de práticas voltadas à preservação do patrimônio histórico, cultural e socioambiental, por exemplo.

Uma primeira contribuição se refere diretamente aos alunos que participam da experiência. A fase do estranhamento provoca nos discentes a necessidade de conhecer mais sobre o local visitado, despertando o interesse nos assuntos regionais.

A segunda se refere à utilização dos espaços e equipamentos públicos que os intercâmbios podem desenvolver. Realizar atividades de campo em praças, museus, igrejas, casarões e sobrados faz com que os órgãos públicos e privados, além da sociedade em geral, percebam a necessidade de mantê-los preservados em virtude da constante utilização por parte da comunidade acadêmica, estimulando a comunidade a fazer o mesmo, ressignificando também os conceitos de cidade, espaço e bem público.

A terceira contribuição enxergada é a possibilidade de produção de textos acadêmicos (artigos, relatos de experiência e casos para ensino) voltados à publicação científica em eventos, livros e periódicos no sentido de publicizar todas as ações bem sucedidas nos intercâmbios realizadas e que podem ser replicadas por outras instituições.

Cumprir dizer que uma experiência exitosa pode ocorrer quando se dispõe a pensar cursos de extensão de curta duração elaborados e ministrados pela equipe do intercâmbio com fundamento nas suas discussões contextualizadas nos mais diversos momentos em que se reuniram. O público dessas formações pode ser composto também por estudantes do ensino médio, servidores públicos e trabalhadores da iniciativa privada, além de membros da sociedade civil organizada. A recomendação é que os cursos sejam ofertados na modalidade semipresencial e com duração de 12 horas/aula. A certificação poderá ser feita pelo coordenador do intercâmbio.

Ações que envolvam o modelo de educação contextualizada se justificam na medida em que aproximam o aluno do conhecimento, pois o mesmo não é visto apenas como um observador estático, mas sim um membro atuante do meio onde se encontra. Em outras palavras, o estudante passa a se identificar como ser pertencente de uma devida cultura, história e simbologia, muitas vezes não bem acertadas em virtude do modelo clássico e pouco efetivo do ensino superior atual, que o posiciona longe da *práxis* proposta por educadores como Paulo Freire.

Surge então a necessidade de encontrar um espaço onde a experiência esteja acima da formalidade excessiva e paradigmática. Dessa forma, a educação contextualizada empregada

no Intercâmbio de Extensão do IESA/UFCA, apresenta-se como ferramenta capaz de transformar uma rua, uma vila, uma avenida, uma cidade e seu imenso poder de resgatar o laço de pertencimento do indivíduo com aquela localidade (muitas vezes sequer conhecidas pelo próprio indivíduo) em uma sala de aula. Ademais, há o imenso resgate histórico e cultural ao envolver os atores sociais que pertencem naquele meio, enxergando-os como de fontes primárias de conhecimento, muitas vezes pouco valorizadas no seio da Academia.

Na medida em que há a inserção dos estudantes em novos e pouco usuais ambientes de estudo, ocorre o esperado “estranhamento social”, muito comum entre os antropólogos, que força o aluno a cruzar fontes primárias, secundárias e terciárias, numa verdadeira “dança metodológica”.

Mas não por meio de livros, mas sim por vozes, troca de experiências e vivências no local é que se inicia o processo de desconstrução/construção de paradigmas que evidenciam a realidade e compreender a distância da dinâmica entre o vivido e o ensinado. Tratando-se sobre o Semiárido, por exemplo, há a chance de promover momentos em que diferentes atores sociais locais possam opinar sobre políticas públicas de desenvolvimento implementadas em sua cidade, além de existir a possibilidade de entender melhor como seu ciclo se completa naquela localidade. Esse pode ser um notório exemplo de como abordar dois paradigmas contraditórios: o combate à seca e convivência com o semiárido, em momentos de debate com membros que assistiram todo o processo de tomada de decisão e implantação desses dois tipos de política pública.

Paralelo a essas discussões, além do ambiente ser propício ao aprendizado, visto que a contextualização também envolve praças, prédios públicos históricos e casas de época, há a ressignificação inclusiva dos laços de ocupação de espaços públicos com os órgãos do governo em suas diferentes esferas de poder, organizações privadas e a sociedade civil organizada, agregando, dessa forma, um maior valor institucional, simbólico, cultural ao próprio intercâmbio.

Isso transparece que as ações de extensão executadas sob a forma de intercâmbios, possuem características transversais que as diferenciam das demais e assumem para si mesmas o envolvimento inegável entre o ensino, a cultura e a pesquisa, já que esse novel quadripé universitário encontra-se em franca difusão no meio acadêmico atual, especialmente o público. Dessa forma, o estudante/acadêmico/pesquisador, além de obter a troca de saberes com os atores locais e ressignificar a relação de pertencimento com o território, promove não apenas o desenvolvimento científico, metodológico e sistemático, mas também humanista e antropológico, criando espaços de promoção de pesquisas de cunho acadêmico que visem solucionar problemas, registrar e promover diferentes culturas e saberes, transformar realidades de casos práticos e identificar possíveis potencialidades locais que poderão contribuir significativamente para a melhoria de vida das pessoas.

Referências

BAPTISTA, Naidison Quintella; CAMPOS, Carlos Humberto. Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido. In: Irio Luiz Conti e Edni Oscar Schroeder (orgs.). **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Editora IABS: Brasília/DF, 2013.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido**. Fortaleza: BNB: 2007. Série Teses e Dissertações. Vol. 8. 353 p.

_____ ; BARRETO, P., DO NASCIMENTO, V.. Construindo sonhos no sertão cearense: trajetos do mestrado em desenvolvimento regional sustentável. **Revista NAU Social**, n. 3, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/rs/article/view/239/203>>. Acesso em: 10 abr. 2015

CONTI, Irio Luiz; PONTEL, Evandro. Transição paradigmática na convivência com o Semiárido. In: Irio Luiz Conti e Edni Oscar Schroeder (orgs.). **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Editora IABS: Brasília/DF, 2013.

PEREIRA, Eugênia da Silva. Educação Contextualizada e convivência com o Semiárido: lutas, conquistas, desafios. In: Irio Luiz Conti e Edni Oscar Schroeder (orgs.). **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Editora IABS: Brasília/DF, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. A UFCA. Disponível em: <<http://www.ufca.edu.br/portal/a-ufca>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

APÊNDICE 01 – Plano de Trabalho de Intercâmbio realizado pelo Instituto de Estudos do Semiárido da Universidade Federal do Cariri

Dia	Data	Atividade	
01	06/07/15	Manhã	Chegada dos alunos em Icó
		Tarde	Apresentações e início das atividades Local: Escritório da UFCA em Icó
02	07/07/15	Manhã	Estudo sobre Desenvolvimento Local: Escritório da UFCA em Icó
		Tarde	Debate sobre Desenvolvimento Local: Centro Histórico de Icó e Teatro Ribeira dos Icó
03	08/07/15	Manhã	Estudo sobre Políticas Públicas Local: Escritório da UFCA em Icó
		Tarde	Debate sobre Políticas Públicas Local: Casa de Câmara e Cadeia
04	09/07/15	Manhã	Estudo sobre Semiárido Brasileiro Local: Escritório da UFCA em Icó
		Tarde	Debate sobre Semiárido Brasileiro Local: Açude de Orós, em Orós/CE

05	10/07/15	Manhã	Estudo sobre Patrimônio Local: Escritório da UFCA em Icó
		Tarde	Debate sobre Patrimônio Local: Largo do Théberge
06	13/07/15	Manhã	Livre
		Tarde	Debate sobre as temáticas estudadas Local: Escritório da UFCA em Icó
07	14/07/15	Manhã	Livre
		Tarde	Montagem dos cursos de extensão Local: Escritório da UFCA em Icó
08	15/07/15	Manhã	Livre
		Tarde	Debate com a Associação dos Filhos e Amigos de Icó (AMICÓ) Local: Escritório da UFCA em Icó
09	16/07/15	Manhã	Encerramento das atividades e retorno ao Cariri Local: Escritório da UFCA em Icó